



Impactos do Coronavírus na economia

Os resultados positivos da produção industrial de janeiro desse ano já são vistos com novos olhos diante do avanço do Coronavírus (Covid19) no mundo. O ano começou com a expectativa de consolidação da recuperação econômica brasileira, com previsão de PIB acima dos 2%, porém tanto as boas expectativas quanto a previsão do PIB têm caído. Ainda não é consenso se haverá uma grande recessão econômica, mas é certo que o crescimento será prejudicado.

Conforme relatório da Unctad (Conferência da ONU para o Comércio e Desenvolvimento), os principais fatores que podem impactar a economia são:

- Aumento da falta de funcionários ou queda na produtividade, pelo distanciamento entre as pessoas e medo de contaminação, e ausência para cuidar de familiares;
- Queda da mão de obra, devido à doença e até mesmo mortes;
- Diminuição da demanda por produtos, devido ao isolamento/quarentena para conter a doença;
- Interrupção e atraso nos transportes e cadeias de suprimentos, com rupturas operacionais;
- Dano à reputação das empresas, caso a resposta à epidemia seja vista como ineficaz, ou se a comunicação com os acionistas for incompleta ou enganosa.

O Banco Mundial estima que o custo de uma pandemia severa de gripe pode chegar a 5% do PIB Global. Dados recentes já estimam uma queda de US\$ 2 trilhões na economia mundial, e de US\$ 220 bilhões para os países emergentes, caso o surto não seja controlado.

Os impactos do lado da oferta já começam a ser observados, com a paralisação das atividades produtivas na China, muitos países estão sofrendo com a falta de peças importadas daquele país. Além disso, a comoção global para estocar suprimentos já deixa muitos comércios sem produtos.

Pelo lado da demanda também já se observam impactos, a diminuição de circulação de pessoas, que tem ocorrido principalmente na China e Itália, devido à quarentena imposta pelos governos, significa menos gente trabalhando e consumindo. Isso provoca impacto econômico severo, o que desacelera a economia como um todo.

Caso o Covid-19 se estenda por muito mais tempo, a perspectiva de recessão fica mais clara, podendo ser comparada com a crise econômica de 2008. A grande diferença é que a crise de 2008 foi estritamente econômica, resultado de crédito fácil e dispersão de investimentos ruins. Já o problema atual é no campo da saúde, dependendo pouco de ações econômicas. Na crise de 2008, a solução foi aumentar a liquidez da economia, com uma política monetária flexível. Como a crise atual não é um problema econômico, injetar dinheiro na economia não se mostra tão eficaz para o aumento da produção, o que contribui para a manutenção do ciclo do problema: estagnação da produção, queda na renda, no emprego, e na demanda, fechando o ciclo com estagnação da produção.

Entretanto, se a pandemia for controlada, seja pelo desenvolvimento de vacina ou redução da disseminação da doença, a recuperação pode ser mais rápida, pois logo se restabelecerá a produção e o consumo.

Por outro lado, pegando como exemplo as ações do governo Norte Americano e Alemão, uma oportunidade para que a classe empresarial consiga suportar os impactos dessa crise seria a disponibilização de crédito a custos baixos, auxiliando as empresas no custeio de suas despesas correntes, num momento de queda na demanda. Sem a cobrança de aumento da produção, apenas fornecendo suporte para que as empresas se mantenham num nível de funcionamento. No momento em que as bolsas despencavam, o Banco Central dos EUA (Federal Reserve) injetou R\$ 1 trilhão de dólares na economia, o que seguiu as quedas evitando o terceiro Circuit Break (paralisação das negociações) do dia.

Aqui no Brasil, a Caixa Econômica Federal já sinalizou lançar linha de capital de giro para blindar as empresas. Mas ainda é necessário um maior apoio do governo nesse sentido.

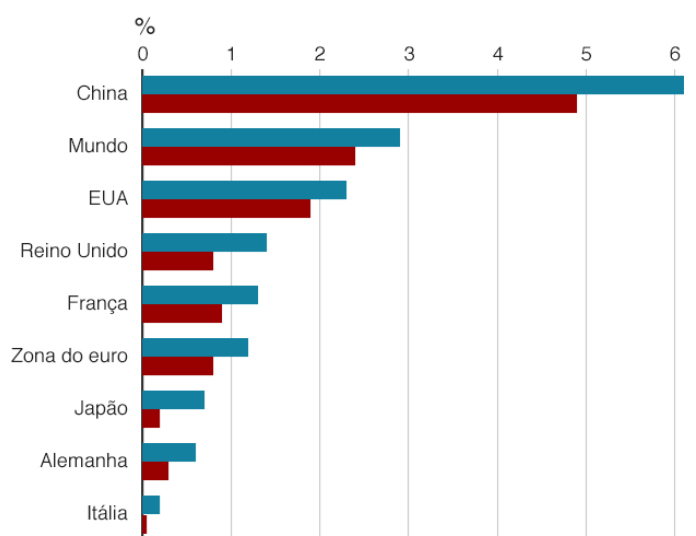
Se no mundo a queda prevista na economia chega a US\$ 2 trilhões, no Brasil os impactos podem reduzir o crescimento do PIB em até 1 ponto percentual, o dólar continuar batendo a casa dos R\$ 5,00, com aumento considerável na inflação, no desemprego (que ainda se encontra alto), queda nas exportações, lembrando que o carro chefe das exportações brasileiras são commodities e o principal destino é a China, que foi o primeiro país a sofrer os impactos do surto, com empresas fechadas e cidades sob quarentena. Além disso o país asiático é um dos principais fornecedores para indústria brasileira, em especial de produtos eletrônicos.

A estagnação da economia mundial, medida pela soma dos serviços e bens produzidos pelos países (PIB), foi prevista pela OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), para o clube dos países ricos, conforme gráfico abaixo:

OCDE reduz previsões de crescimento

PIB deve desacelerar em 2020

■ Crescimento em 2019 ■ Crescimento previsto para 2020



Fonte: OCDE

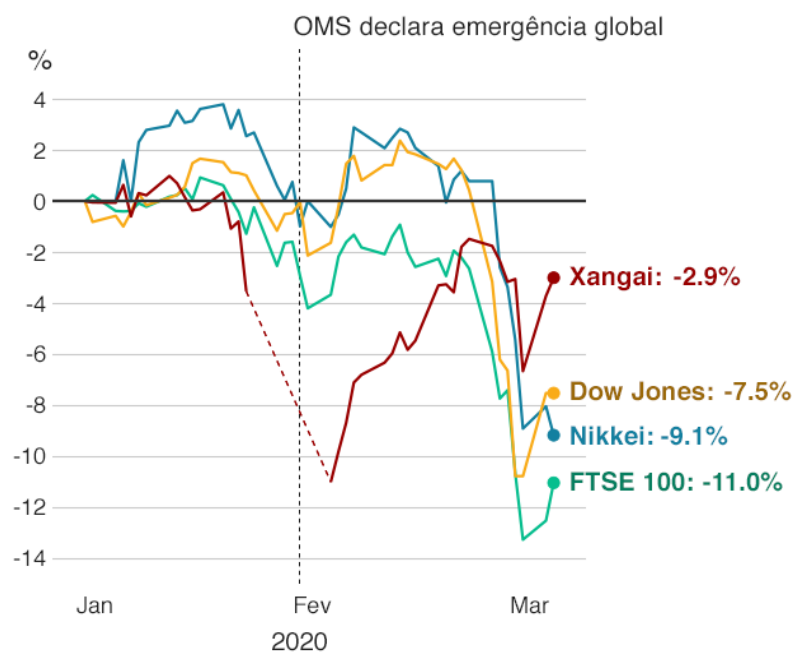
BBC



Houve queda na previsão atual comparada com a previsão de novembro, 2,9%, passando para um crescimento global de 2,4% em 2020, podendo cair ainda mais dependendo da durabilidade e intensidade dessa pandemia. Na China a preocupação é ainda maior, uma vez que a previsão do PIB caiu para 4,9%, 0,8 ponto abaixo das estimativas de novembro/2019, que somada à desaceleração de 2019 (6,1% - o menor crescimento em 29 anos) levanta um sinal de alerta.

Quanto às bolsas de valores, os impactos foram menores nos Estado Unidos e Europa, devido às intervenções dos governos para proteger suas economias, como a já mencionada injeção de US\$ 1 trilhão de dólares na economia americana.

Impacto do coronavírus nas Bolsas



Fonte: Bloomberg

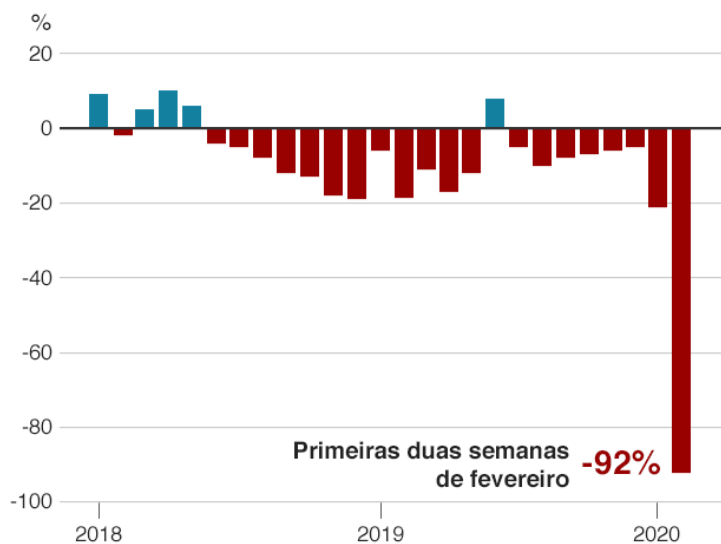


Ainda assim, percebe-se impacto no comportamento do mercado de ações. No Brasil, a Bolsa de Valores, em apenas um dia, acionou o circuit breaker duas vezes, e por pouco escapou do terceiro. Nesse dia, o Ibovespa chegou a cair 19,6%. O que segurou esse declínio e fez com que a bolsa fechasse com queda de 14,78%, foi o anúncio do Banco Central Americano de aumento de liquidez no mercado financeiro. Entretanto, o valor de mercado das empresas e o acionamento do circuit breaker reflete a piora na percepção dos danos que serão causados pelo coronavírus na economia global.

O temor do surto impacta, ainda, o consumo interno, com menos pessoas circulando em centros comerciais. A exemplo da China, só nas duas primeiras semanas de fevereiro houve queda de 92% nas vendas de carros.



Vendas de carros despencaram na China

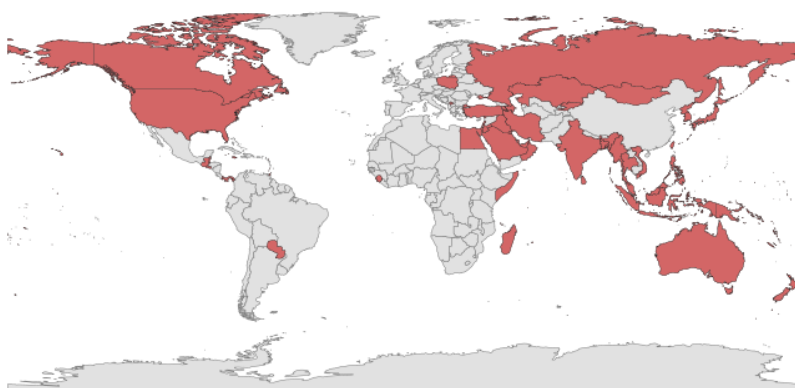


Fonte: Associação Chinesa de Carros de Passageiros



Outro setor que também apresenta queda devido aos impactos do Coronavírus é o turismo. Vários países já têm restrições de viagens. O setor aéreo sofre quedas com cancelamento de voos pelas empresas e passageiros. E conforme o surto se alastra essas quedas tendem a piorar.

Países com restrições de viagens por causa do coronavírus



Fonte: Associação Internacional de Transporte Aéreo, em 2.mar.2020



Especificamente no Brasil, como fica a situação?

No Brasil, o Ministério da Economia afirma que ainda há incertezas quanto à dimensão e extensão dessa pandemia na economia local. Porém, reconhece possíveis impactos:



- 1- Redução das exportações, sobretudo de commodities;
- 2- Queda no preço das commodities e piora nos termos de troca, além de exportar menos os preços tenderão a cair, e o preço dos insumos importados podem aumentar, assim os produtos que o Brasil exporta ficarão mais baratos e o que importa, mais caro, piorando os termos de troca;
- 3- Interrupção da cadeia produtiva de alguns setores: a paralisação da produção e escoamento dos produtos chineses já afetam a produção de manufaturados brasileiros de alguns setores, além da suspensão da produção devido à falta de insumos que deveriam vir da China, a exemplo de componentes eletrônicos;
- 4- Queda no preço dos ativos e piora das condições financeiras: na China, os mercados ficaram mais voláteis e houve aumento na procura de ativos de menor risco. O mesmo pode acontecer no Brasil, com incertezas e condições financeiras piores, poderá haver dificuldade de acesso ao crédito e investimentos de curto prazo;
- 5- Redução no fluxo de pessoas e mercadorias, devido aos comportamentos de precaução (redução de viagens, da jornada de trabalho, e adoção de “home office”);
- 6- Queda no crescimento do PIB, de 2,4% para 2,1% nesse ano.

Pode-se acrescentar a esses impactos uma queda nos lucros e dificuldade em alcançar as metas de faturamento. E ainda, queda nos preços do petróleo, com impacto na Bolsa de Valores brasileira.

Quais medidas podem ser tomadas pelo Governo para controle dos impactos?

- Apoio dos bancos públicos, principalmente para pequenas e médias empresas. O Ministério da Economia, juntamente com a Caixa Econômica Federal, já sinalizou um aporte de R\$ 40 bilhões para capital de giro às pequenas e médias empresas; R\$ 30 bilhões para compra de carteiras de pequenos e médios bancos; e R\$ 5 bilhões para crédito rural;
- Antecipação do 13º de aposentados e pensionistas, e dispensa de prova de vida por 120 dias;
- Possibilidade de novas liberações de saques de FGTS;
- Isenção de imposto sob importação de produtos médico hospitalares;
- Liberação de R\$ 5 bilhões para investimentos na área da saúde;
- Priorização de atividades da Anvisa que estejam relacionadas ao Covid-19.

O que esperar para Goiás?

A economia goiana é bastante pautada no agronegócio sendo a China o principal destino das exportações. Sendo assim, espera-se impacto nas exportações e nos preços das principais commodities (carne, soja e minério), dependendo do tempo de duração desse surto. Uma



vez que os contratos comerciais são fechados com meses de antecedência, para os próximos meses as vendas para a China estão garantidas. Porém, se o surto perdurar pelos próximos trimestres, ou mesmo se a China apresentar uma desaceleração econômica mais forte, os impactos regionais poderão ser mais intensos.

Fora isso, os impactos seguirão os nacionais: possíveis quedas na produção, aumento da inflação e do desemprego.

Fato a se destacar é que Goiás vem de um cenário político conturbado e o relacionamento entre governo e setor produtivo está estremecido. A CPI dos incentivos fiscais deixou um sentimento de insegurança jurídica, e no atual momento, governo e empresas devem caminhar juntos na busca de melhores soluções para manter os resultados positivos que vem apresentando.

RESUMO

⇒ Fatores que podem gerar impactos na economia?

- Aumento da falta de funcionários ou queda na produtividade, pelo distanciamento entre as pessoas e medo de contaminação, e ausência para cuidar de familiares;
- Queda da mão de obra, devido à doença e até mesmo mortes;
- Diminuição da demanda por produtos, devido ao isolamento/quarentena para conter a doença;
- Interrupção e atraso nos transportes e cadeias de suprimentos, com rupturas operacionais;
- Dano à reputação das empresas, caso a resposta à epidemia seja vista como ineficaz, ou se a comunicação com os acionistas for incompleta ou enganosa.

⇒ Quais serão os impactos a nível global?

- Queda no PIB Mundial, com possível estagnação ou mesmo recessão;
- Queda no mercado de ações;
- Queda no comércio mundial;
- Queda no turismo.

⇒ Quais os impactos no Brasil?

- Redução das exportações, sobretudo de commodities;
- Queda no preço das commodities e piora nos termos de troca, além de exportar menos os preços tenderão a cair, e o preço dos insumos importados podem aumentar, assim os produtos que o Brasil exporta ficarão mais baratos e o que importa, mais caro, piorando os termos de troca;



- Interrupção da cadeia produtiva de alguns setores: a paralisação da produção e escoamento dos produtos chineses já afetam a produção de manufaturados brasileiros de alguns setores, além da suspensão da produção devido à falta de insumos que deveriam vir da China, a exemplo de componentes eletrônicos;
 - Queda no preço dos ativos e piora das condições financeiras: na China, os mercados ficaram mais voláteis e houve aumento na procura de ativos de menor risco. O mesmo pode acontecer no Brasil, com incertezas e condições financeiras piores, poderá haver dificuldade de acesso ao crédito e investimentos de curto prazo;
 - Redução no fluxo de pessoas e mercadorias, devido aos comportamentos de precaução (redução de viagens, da jornada de trabalho, e adoção de “home office”);
 - Queda no crescimento do PIB, de 2,4% para 2,1% nesse ano;
 - Queda nos lucros das empresas, com dificuldade em alcançar metas de faturamento;
 - Queda no preço do petróleo, com impacto na bolsa de valores.
- ⇒ **Quais medidas devem ser tomadas pelo governo brasileiro?**
- Apoio dos bancos públicos, principalmente para pequenas e médias empresas. O Ministério da Economia, juntamente com a Caixa Econômica Federal, já sinalizou um aporte de R\$ 40 bilhões para capital de giro às pequenas e médias empresas; R\$ 30 bilhões para compra de carteiras de pequenos e médios bancos; e R\$ 5 bilhões para crédito rural;
 - Antecipação do 13º de aposentados e pensionistas, e dispensa de prova de vida por 120 dias;
 - Possibilidade de novas liberações de saques de FGTS;
 - Isenção de imposto sob importação de produtos médico hospitalares;
 - Liberação de R\$ 5 bilhões para investimentos na área da saúde;
 - Priorizar atividades da Anvisa que estejam relacionadas ao Covid-19.
- ⇒ **O que esperar para Goiás?**
- Queda nas exportações e nos preços da commodities, em especial do complexo de carne, soja e minérios;
 - Redução da retomada ou mesmo queda na produção, por falta de mercado consumidor e insumos para produção;
 - Aumento da inflação;
 - Aumento do desemprego.